

Agachar-se, mas nem tanto.

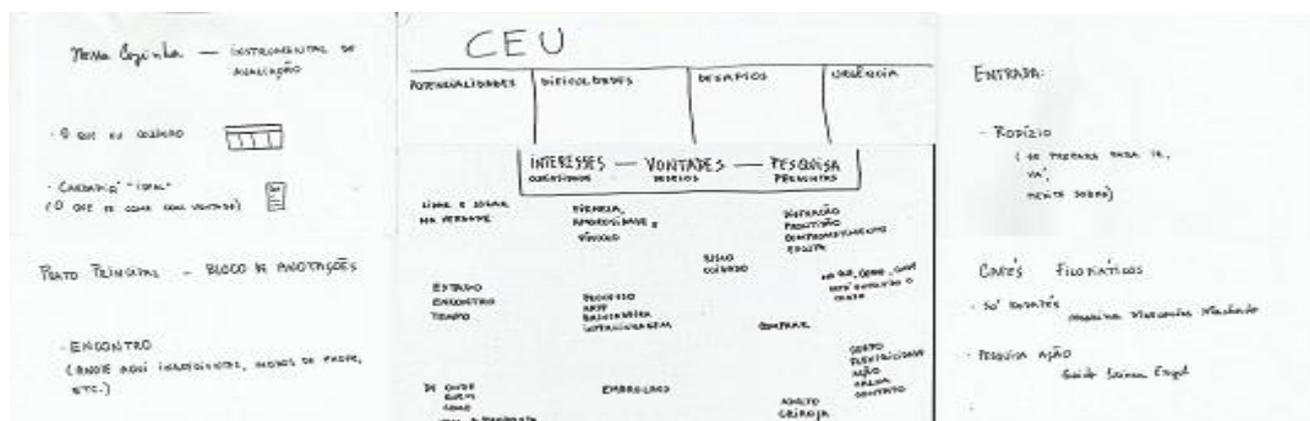
Uma brincadeira gramática e poética entre o caminho do saber do artista-educador e a *artisticidade* para a criança.

por Tales Jaloretto equipe Sul 2

Prefácio ou pré-fácil

Antes do era uma vez, do início de tudo; introduzo os pensamentos, ideias, frases para compreenderem o conteúdo e estética deste texto, como o próprio prefácio sugere que seja, ou ainda mais, e se talvez, subestimar o leitor, serve-lhe a palavra pré-fácil, quase mastigado, antes do fácil, não o faço por mal, mas para que não haja ruídos na comunicação.

- Agachamento é ir ao chão, onde a criança está, mesmo que para apontar outros pontos de vista (MACHADO, 2015)
- Componentes da *artisticidade* é utilizado para contrapor linguagens artísticas, termo curricular e político, sendo assim não existem analfabetos em arte, cujos saberes tenham maior valor que aquele da experiência inicial das crianças. (MACHADO, 2015)
- Pesquisador bricoleur, foi o termo usado pelo pesquisador norte-americano Joe Kincheloe, após ver seus alunos mais brilhantes não conseguirem vagas no pós-doutorado, por serem caóticos demais em seus pensamentos e suas expressões, assim o bricoleur cria sua metodologia com recursos mistos, suspende certezas e combina novas peças de seu quebra cabeça metodológico. (MACHADO, 2015)
- Work in progress é homenagear o processo e não um produto final. (MACHADO, 2015)
- Para poder estudar a criança é preciso tornar-se criança; não adianta só observar a criança, é preciso penetrar além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo. (BASTIDE in FERNANDES, 2004)
- Perdoai! Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas. (BARROS, 1998)
- Por viver muitos anos dentro do mato. Moda ave. O menino pegou um olhar de pássaro - Contraíu visão fontana. Por forma que ele enxergava as coisas. Por igual como os pássaros enxergam. (BARROS, 2011)
- A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos. A mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com as suas peraltagens e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos. (BARROS, 1999)
- O ensaio duvida do método, não há dúvida de que o método é o grande aparelho de controle do discurso. O ensaio não adota a lógica do princípio e do fim, nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina com as conclusões, ou com o final, inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final, não define conceitos, mas vai precisando-os no texto à medida que os desdobra e os relaciona. O ensaio assume a forma de exposição. (LAROSSA, 2003)
- Livre da disciplina da servidão acadêmica, a própria liberdade espiritual perde a liberdade, acatando a necessidade socialmente. (LAROSSA, 2003)



Lia Mandelsberg – coordenadora – PIÁ – Sul 2 - 2015

Dito “istos”, o era uma vez é o fim, e concluo de início, assim escolhes se tem algo de interessante nesta pesquisa *bricoleur* e pensamentos brincantes.

.....

Obrigado por continuar.

CONCLUSÃO DA HIPÓTESE

Esta foi uma semente de inquietação que me foi brotada quando dos meus 1,85m me agachei a 0,60m (eu sentado) para compreender qual metodologia utilizar para incluir um menino de abrigo nos jogos e brincadeiras, por vezes proposto, por outro menino bem inteligente vindo de uma escola-modelo do município de São Paulo. E penso que não são conceitos estes ditos, mas uma pesquisa a se iniciar.

Venha comigo! Que se imaginarmos uma proposta de brincadeira e jogo, for o repertório individual de uma criança, dentro do seu mundo lúdico e mágico, e que algumas crianças se adaptam a este jogo, podemos considerar que estejam dentro da caixa mágica deste indivíduo. Pois se, outra criança, dentro do seu universo particular não se enquadra nesta caixa, devemos excluí-la, tentar moldá-la ou ampliar esta caixa?

Pareceu-me mais honesto, inclusivo e respeitoso ampliar a caixa, e saber o que esta segunda criança tinha a nos dizer. Por fim, nesta microscópica situação deste dia, esta criança mostrou-se além do jogar bola, das intrigas que causava, e do bater de palmas ritmadas pelo funk.

Fez o seu desenho, questionou se estava bom, fez a “crítica de arte” da exposição, se sentiu incluída, e demos novas possibilidades e caminhos para sua escolha.

ERA UMA VEZ...

um homem e uma mulher que se amavam, se casaram e tiveram um filho em 1980....bem acho que posso adiantar um pouco mais esta história. Estávamos em viagem com a Umiharu e Art Unlimited, em 2013, pelos estados de Goiás e Minas Gerais, com o projeto Água, arte e sustentabilidade, no qual estava previsto atendermos oito mil crianças durante três meses pela Lei Rouanet. Chegamos à primeira cidade, Uberlândia, e receberíamos diariamente cerca de duzentas crianças, metade por turno. Eram cinco atores-educadores e mais a equipe de suporte que passeavam com os pequenos pela exposição de obras de artistas brasileiros com a temática água, desde xilogravuras a aquarelas, explicando sobre ecossistema e serviços que a água nos provê. Cada artista explicava



Foto Bruno Schultze e Lawrence Bodnar

sua parte e ia se preparar para o espetáculo, por fim, eu como último a entrar em cena, acompanhado dos professores e a equipe, estava com cerca de cem crianças pulando e a gritar, e a informação não chegava a elas, e para mim era importante que a recebessem, e não apenas falar ao vento, e dizer que papel estava cumprido. Depois de uma semana, a escolha foi ser criança, quebrar as armaduras do adulto, me agachei e surgiu o palhaço anarquista, velho de cabelo apontado para cima, que gostava de bagunça e contar mitos da água. Não consegui o silêncio para explicar, e nem era este o intuito, mas no meio da bagunça passar algumas informações.

E qual a importância deste fato pessoal dentro deste ensaio? O termo agachar-se da Marina Marcondes; pois foi na altura delas que os ensinamentos chegaram. Porém peço permissão para me apropriar deste termo com outro ponto de vista. Agachar-se, mas nem tanto. É necessário que a criança saiba que ali tem um adulto que quer escutá-la e orientá-la, mas com empatia ao seu mundo. Não é demais explicar o óbvio, em tempos absurdos de ter que defendê-lo. É um limite tênue o agachar-se, pois estar muito no “chão” confunde-se com uma criança, e pouco no chão, perde-se a empatia e a relação que busca estabelecer-se nesta posição.

HIPÓTESE

Charlotte Hardman in Friedmann, 2011, pergunta-se: Como as crianças podem ser ensinadas e como classificam ou pensam seu mundo? Como pode ser desenvolvida uma abordagem antropológica das crianças? Como pode diferenciar-se de abordagens teóricas que se preocupam com as crianças no sentido do que refletem do comportamento ou pensamento adulto?

E repergunto qual metodologia utilizar para o ensino de *artisticidade*, se cada criança é um universo? De maneira tradicional utilizam-se metodologias ou formas que englobam o geral, mas e estes que não se enquadram? Excluí-los e moldá-los?

Neste primeiro ano do PIÁ, dentro do equipamento do CEU Butantã, jogos e brincadeiras tradicionais tendem a ser comuns e bem aceitas. Mas houve um conflito entre estas constelações

estrelares que nos frequentam. Não serão citados os nomes para resguardá-los, já que um dos pequenos está sob medida de proteção pelo abrigo.

E dentro da pesquisa sobre metodologia de ensino, foi escolhido a hipótese mais limitada dentro deste âmbito: a busca pelo método de ensino em uma criança excluída socialmente.

CONTEXTO

No grupo de oito a dez anos, às terças-feiras, definida como turma Ametista, um menino muito inteligente, denominado aqui, Xubiriba, com boa formação cultural e artística, com amplo acesso à informação pela educação familiar (assim são as informações que nos chegaram e que percebíamos) propunha brincadeiras e ideias tão interessantes quanto o PIÁ permite e está em seus princípios. Em seguida outro menino começa a frequentar, denominamos aqui de Xubiras. Com outra energia da que estava sendo construída nos encontros, sabíamos pouco sobre ele, apenas que vinha de abrigo, não se sabe muito da história, e que provável foi obrigatório sua participação neste programa. Muitas vezes vinha acompanhado, e sumia durante o encontro, e ia fazer outra atividade, como jogar bola, enfim. Houve instantes mágicos como uma contação de histórias em que se aproximou e ficou abraçado escutando. Mas na maioria tentava destruir as brincadeiras inventadas pelo Xubiriba, ou causava confusão com alguma criança.

No esboço que surgiu da série de reportagens Os Espíádores, foram construídos microfones com rolos de papelão e objetos para serem o globo do microfone. Neste dia, algumas pinturas foram realizadas, e se transformaram em obras de arte a serem avaliadas, depois da curadoria, pelos pequenos críticos de arte.

E neste dia, enquanto as outras crianças influenciadas pelo Xubiriba se encantavam em construir desenhos, organizar as obras, e sentados ir avaliando-as. Agachei-me, mas nem tanto; para ter a perspectiva do Xubira, mas manter o pensamento racional do adulto. E vi no olhar dele, sentir-se inferior a tudo aquilo, e em seguida, voltou a sua normalidade em destruir os desenhos e brincadeiras alheias. A outra arte-educadora continuou a conduzir a curadoria, enquanto sem palavra alguma, sentei ao seu lado, peguei todos os tubos de tintas coloridos, e apertei todos juntos



no papel, disse a ele que caos (bagunça) pode ser arte, ela é o que está dentro de você. Falei superficialmente sobre o artista norte-americano Pollock, que pintava a partir dos mesmos princípios. Xubira fez o mesmo no papel, abaixou a guarda, e perguntou se estava bom, e claro que estava, já que não buscamos um produto final, mas uma iniciação artística, mas melhoramos ainda mais, e gotejamos aquele papel na torneira, e virou a pintura caótica molhada. Expôs junto aos outros, e se sentiu diminuído novamente quando Xubiribas teve uma ideia incrível de fazer a reportagem em uma língua estranha, ele era o repórter robô lg e sua tradutora, a repórter luka. E de novo, chamei Xubira pra perto, pois a crítica pode começar com um não gostei ou gostei, e depois um motivo para isso. E assim foi esta microscópica situação dos encontros do PIÁ. Um dia raro. A conclusão amigo leitor, já sabes.

Educar é dar sentido. É dar sentido ao nosso estar no mundo. Nossos corpos precisam desse sentido para se realizar plenamente. Mas também nossos corpos são vazios de imagens e elas precisam fazer parte da nossa mente para possamos dar respostas ao que se nos apresenta diuturnamente como desafios da existência. (MUNDUKURU, 2010)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Manoel de. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2011.

BARROS, Manoel de. Retrato Do Artista Quando Coisa. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

BARROS, Manoel de. Exercício de ser criança. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999

BASTIDE, R. Nota explicativa. In: FERNANDES, F. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. In: Educação em revista. Curitiba: UFPR, 2000.

FRIEDMANN, Adriana. História do percurso da sociologia e da antropologia na área da infância, 2011. Disponível em: < <http://iseveracruz.edu.br/revistas/index.php/revistaveras/issue/view/4> >

Friedmann, Adriana. O papel do brincar na cultura contemporânea. 2008. Disponível em: < www.nepsid.com.br/artigos/opapeldobrincart.htm>

HOLM, Anna Marie. A energia criativa natural. Pro-posições, v.15, n. I (43) - jan./abr. 2004.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 101-115. 2003.

MACHADO, Marina Marcondes. Só Rodapés: Um glossário de trinta termos definidos na espiral de minha poética própria, 2015. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/28813> >

MUNDUKURU, Daniel. A milenar arte de educar dos povos indígenas, 2010. Disponível em: < danielmundukuru.blogspot.com.br/2010/04/milenar-arte-de-educar-dos-povos.html >